

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

PORTUGAL CONT 6,00€ · BE/FR/GR 10,90€ ES/IT 10,00€ · AU/DE/NL 12,00€ · UK £7,50€ · SUISSE 14,00CHF · MOROCCO 96MAD



Segredo / Secret

Portugal

Edição especial / Special edition

80 MAR-APR 2018

Carolina Pimenta nasce na década de 80 no Porto. Rodeada por arte, o interesse pelos campos artísticos acompanha o seu crescimento. Dona de uma contagiante boa disposição, abre-nos as portas do seu atelier em Lisboa com uma energia positiva, olhos radiantes que contam muitas histórias. As imagens são uma das suas ferramentas de pensamento.

Carolina Pimenta was born in the 1980s in Oporto. Surrounded by art, and an interest in the different fields of art are an integral part of her upbringing. Displaying a contagious cheerfulness, she opened up the doors of her Lisbon atelier to us, full of positive energy and with twinkling eyes that hint at many a story. Images are one of the tools in her thinking.



ARTIST WITH ATTITUDE

Carolina Pimenta

www.carolinapimenta.com

Um percurso académico que se inicia no Porto, com uma breve passagem de um ano em Lisboa. Carolina estuda em Inglaterra, e após completar o curso, parte para trabalhar em Nova Iorque durante 4 anos, numa agência de produção artística.

Mas o sedentarismo não faz parte dos seus planos e as viagens estiveram sempre na sua agenda, interessando-se por conhecer o mundo, desenvolver projectos e fotografar. Descobertas com passagens pela América do Sul, Europa e Ásia, as viagens são extensas e importantes, até para o espírito.

Carolina desenvolve um trabalho de reflexão sobre a imagem, através de *collage* digital, manipulação gráfica, mas também fruto da captação do momento, um olhar muito definido na forma como absorve o quotidiano que a rodeia. O seu trabalho também conta com o corpo como protagonista e a experimentação de novos meios de expressão. No último ano expôs no Maat, em Lisboa, e no Lamb Arts, em Londres. E isto é, apenas, o início; há ainda muitos projectos para desenvolver.

Her academic career began in Oporto, followed by a brief period in Lisbon. Carolina then went to study in England. After finishing her course there, she then set off to New York, where she worked for four years in an artistic production agency.

But being standing still isn't part of her plans and travel has always been an important part of her agenda, driven by an interest in discovering the world, developing projects and photography. With journeys of discovery that take in South America, Europe and Asia, her trips are extensive and of crucial importance to her spirit.

Caroline has been developing a reflective oeuvre on image, through digital collage, graphic manipulation, but also by capturing moments, a well-defined perspective on the way we absorb the quotidian around us. Her work also uses the body as a protagonist and experiments with new media for expression. Last year, her work was exhibited at Maat, in Lisbon and at Lamb Arts, in London. And this is just the beginning; there are still so many projects to be developed.

Verónica de Mello: Qual é o primeiro contacto com a arte? Carolina Pimenta: Graças à minha família tive o privilégio de ter contacto com a arte desde que nasci. **O que a fez decidir estudar comunicação visual na Universidade de Leeds?** Queria fazer um curso mais versátil do que apenas fotografia, sentia que iria sair com bases mais amplas para poder explorar mais territórios. **O que é comunicar visualmente?** Para mim, é expressar um sentimento, uma ideia e mensagem... Uma reflexão através de imagens. **O meio principal com que trabalha é a fotografia. Porquê?** Sim, é. Eu gosto de trabalhar fotografia porque é uma ferramenta que pode estar sempre comigo. Desde muito nova que sou fascinada pela fotografia e é uma das formas através da qual consigo exprimir-me e comunicar melhor. Paralelamente, sempre tive aquele medo de me esquecer de todos os momentos que vivo e que observo, e a fotografia é a minha forma de registar o quotidiano. **Interessa-lhe o encenar do momento ou capturar a espontaneidade?** Interessam-me muito ambos os campos. Tanto crio e idealizo séries como capturo de forma espontânea o que se passa ao meu redor.

Verónica de Mello: What was your first contact with art? Carolina Pimenta: Thanks to my family, I had the privilege of being in contact with art from the time I was born. **What led you to study Visual Communication at the University of Leeds?** I wanted to do a course that was more versatile than simply photography. I felt that I would leave with a broader base for exploring other territories. **What is it to communicate visually?** For me, it means expressing a feeling, an idea, a message... A reflection through images. **Is the main medium you work with photography? Why?** Yes, it is. I like working with photography because it is a tool that can always be with me. From a very young age, I have been fascinated by photography and it is one of the ways in which I manage to better express myself and communicate. Parallel to this, I have always been afraid of forgetting all the moments I live and observe, and photography is my way of registering daily life. **Are you more interested in staging a moment or capturing spontaneity?** Both approaches interest me. I can just as easily create and idealise a series as I can spontaneously capture what is going on around me.

Verónica de Mello (REDE art agency)
Courtesy Carolina Pimenta

Qual ou quais os artistas que influenciaram a sua obra? Essa será sempre a pergunta mais difícil, tenho vários artistas que me influenciam e gosto de estar sempre a pesquisar e saber mais de artistas que não conheço. Posso dizer que os constantes são Nan Goldin, Wolfgang Tillmans, Helena Almeida, Francesca Woodman, Miguel Rio Branco, Larry Clark e, talvez de uma forma menos óbvia, inspiro-me muito no movimento ZERO, nos artistas Hinez Mack, Otto Penne, Yves Klein, etc. **Como é o seu primeiro atelier?** The dream! O meu atelier é quente, tem uma luz de sonho e as melhores energias. **O que é viajar para si?** Liberdade, exploração e terapia para a cabeça. **Qual a melhor viagem que realizou?** Arizona. **Porquê a série “México”?** Porque foi uma série inicialmente idealizada para confrontar as ideias estereotipadas criadas em torno de um país; coincidiu com a minha saída de Nova Iorque e, fruto de um grande amor pelo México, surgiu como lugar ideal. **Porquê a “Polónia”?** Porque queríamos um desafio maior depois do projecto no México. Queríamos algo mais “casa”, menos exótico, e também trabalhar com as diferenças de eu ser portuguesa e ver a Polónia como um país distante, versus a minha colega fotógrafa que é alemã e, por isso, vizinha deste país. **O que é que a interessa nas colaborações artísticas?** Gosto de trabalhar com outros artistas, discutir ideias e diferentes maneiras de olhar para o mesmo assunto.

Who or what artists have influenced your work? This is always the most difficult question to answer. There are lots of artists that have influenced me and I enjoy constantly researching and finding out more about artists I am unfamiliar with. I can say that the staples are Nan Goldin, Wolfgang Tillmans, Helena Almeida, Francesca Woodman, Miguel Rio Branco, Larry Clark and, perhaps less obviously, I am inspired by the ZERO movement, by the artists Hinez Mack, Otto Penne, Yves Klein, etc. **What is your first studio like?** The dream! My studio is warm, has the perfect lighting and the best possible energies. **What does travel mean to you?** Freedom, exploring and therapy for the mind. **What has been your best trip so far?** Arizona. **Why the “Mexico” series?** Because it was initially a series developed in order to confront stereotypical ideas created around a country. It coincided with my leaving New York and, as the result of a great passion for Mexico, it emerged as the ideal setting. **Why “Poland”?** Because we wanted a greater challenge after the project in Mexico. We wanted something more ‘homelike’, less exotic, as well as to work with differences arising from me being Portuguese and seeing Poland as a distant country, versus my photographer colleague who is German, and therefore a neighbour of this country. **What interests you in artistic collaboration?** I like to work with other artists, to discuss themes and different ways of looking at the same subject.

Sinto que é nas colaborações que mais cresço. **Quem é fotografado por si, passa a ser um sujeito. O banal torna-se um trabalho artístico?** O banal torna-se intemporal. Trata-se de um registo e exploração da nossa juventude e no conceito de vida de idade como encruzilhada na história da arte; e, daí, surge um trabalho artístico. **O que a preocupa?** A sociedade contemporânea. Os novos valores e prioridades do nosso mundo. **O que é “Lludus”?** O que quer dizer? Lludus é o meu diário visual, o meu quotidiano. Significa *playfulness*. **Em que projecto está a trabalhar?** Estou a trabalhar em vários projectos. Um livro intitulado Antília, sobre amor e a ilha de São Miguel; uma performance One Shot que vai decorrer na Rua das Gaivotas 6 este ano; um livro de artista relacionado com essa mesma performance e que tem o mesmo nome; e uma exposição com uma instalação em torno do tema da percepção do corpo e da imagem. **A que horas começa a trabalhar? Tem uma rotina?** Normalmente começo a trabalhar às 8:30h. **Qual a sua relação com a luz?** Eu dependo da luz. Gosto principalmente de fotografar com luz natural durante o dia ou o extremo oposto com um *flash* agressivo à noite. Não gosto de luzes de estúdio ou artificiais, à excepção do *flash*. **Trabalha com colagem, do recorte ao digital. Como funciona na contemporaneidade?** Para mim é necessário a existência dos dois. Sou um pouco uma *tech geek* e gosto de explorar até que ponto posso levar a colagem digital, mas, ao mesmo tempo, tenho um grande amor pelo papel, pelos livros, pelas texturas e preciso da parte manual, até de certa forma como uma terapia. Não conseguiria fazer só um ou o outro. Sem o passado não existe o tempo futuro, mas também não podemos ficar presos a um tempo. **Planos para 2018?** Espero poder dar continuidade às séries que tenho vindo a construir para exibir e fazer uma residência artística.

I feel that I develop more through collaborations. **If someone is photographed by you, do they become a subject? Does the banal become an artistic work?** The banal becomes timeless. This is a register and exploration of our childhood and the concept of life and age as a crossroads in the history of art; and an artistic work emerges from this. **What do you worry about?** Contemporary society. The new values and priorities of our world. **What is Lludus? What does it mean? Lludus is my visual diary, my daily life. It means playfulness. What project are you currently working on?** I’m working on a variety of projects. A book called Antília, about love and the island of São Miguel; a performance, One Shot, which will take place at Rua das Gaivotas 6 this year; an artist’s book connected to this same performance and which bears the same name; and an exhibition with an installation on the theme of the perception of the body and image. **What time do you start working? Do you have a routine?** I normally start working at 8:30 a.m. ... **What is your relationship with light?** I depend on light. I mainly prefer photographing with daylight during the day and the extreme opposite, with an aggressive flash at night. I don’t like studio or artificial lighting, with the exception of flash. **You work with collage, including cuttings and digital collage. How does this work in contemporary art?** For me, the existence of both is essential. I’m a bit of a tech geek; I like exploring as far as I can with digital collage but, at the same time, I have a profound love of paper, books, textures and I need the manual side of things, like a therapy to a certain extent. I couldn’t do one without the other. There is no future without the past, and neither can we chain ourselves to a certain time. **Plans for 2018?** I hope to be able to continue working on the series that I have been building up for an exhibition and I’d like to do an artistic residence.

